

Coimbra

CASOS DA VIDA

Ana, vítima de guerra

Ana Rute disse-me que não é feliz. A primeira reação íntima que tive foi a de não acreditar no que me disse.

Uma jovem mulher de 26 anos, com um curso de enfermagem, senhora de uma vivacidade a que o seu belo rosto empresta um inegável encanto, olhando-me de frente e como se estivesse a falar de algo que toda a gente deveria saber, diz-me que não é feliz.

Ana Rute é vítima da Guerra Colonial.

Quando a Ana nasceu já a guerra tinha acabado há muito, e por isso, nenhum tiro, nenhum estilhaço, nenhum horror da guerra a pode ter atingido, e no entanto a Ana é infeliz por causa da guerra.

Mas ela sabe o que são tiros, ela sabe o que são estilhaços, e o que ela mais sabe é o que são os horrores da guerra.

Já senti o medo, já senti a ansiedade, já ouvi os gritos, já acordou a meio da noite em sobressalto, já teve que se proteger para não ser abatida, mas nunca fugiu. A Ana continua no seu posto tão contrariada como todos os soldados que se veem obrigados a ficar no seu posto quanto todos fogem.

Foi-lhe roubada a juventude como a todos os combatentes, foi adiando um relacionamento sério, porque um dever que lhe foi imposto não lhe deixa espaço para os afetos, e hoje ao falar disso parece um veterano a queixar-se que às vezes a chamavam de maluca por deixar transparecer os seus traumas.

Sim, a Ana Rute tem traumas de guerra. Traumas a que nenhuma junta médica reconhecerá qualquernexo de causalidade com o serviço militar e muito menos com o teatro de guerra.

O estado, que tem dificuldade em aceitar que os seus combatentes, que foram recrutados, mobilizados e massacrados no açougue da guerra, sejam condignamente reconhecidos como vítimas desse processo todo e portadores de sequelas geradoras de sofrimento,

concedendo-lhes o estatuto de DFA, jamais aceitaria sequer a hipótese de olhar a Ana como uma vítima também.

E no entanto, a Ana fez durante anos o que o estado deveria ter feito. O que alguém deveria ter feito, mas ninguém fez: tratar do seu pai.

O seu pai tem 16 dos 17 sintomas que se usam para diagnosticar a Perturbação Pós-Stress Traumático, em que 5 seriam suficientes para um diagnóstico seguro, e a Ana tem sido vítima de todos esses sintomas.

A violência verbal e física em torno de si, a deserção, um a um de todos os familiares, primeiro a mãe e depois os irmãos. E por fim, ela ficou indefesa, sozinha, convivendo dia e noite com a Guerra Colonial debaixo do mesmo teto.

Os colegas da escola que lhe diziam que ela era maluca como o pai e se afastavam. Uma professora que lhe disse em frente de todos que ela não deveria poder frequentar a sua aula porque era filha de um combatente maluco e era maluca também; a quem a Ana moveu um processo que resultou numa simples chamada de atenção à professora e numa reprovação para si, conforme tinha sido ameaçada. Os rapazes que se afastavam dela com medo do pai. As festas a que não foi. O atraso na conclusão do curso de enfermagem, o que contribuiu para que agora não arranje colocação. E uma vida afetiva que foi impossível paginar com este verdadeiro serviço de campanha numa missão pouco menos que impossível.

Quando ela saiu do gabinete onde a recebi vieram-me à cabeça as palavras que uma visitante do Facebook me enviou. “Não vives demasiado no passado? Não devias procurar coisas alegres e esquecer a guerra?”

Ana Rute, uma jovem mulher que deveria viver nesse meu futuro, onde supostamente haveria coisas alegres para procurar. E que me diz que não é feliz, como eu digo que não sou alentejano: um facto indiscutível, que



toda a gente já sabe. Uma coisa que se diz embora se saiba que é óbvia e consensual.

Mas a Ana não anda em busca de piedade ou de comiseração, anda em busca de justiça e reconhecimento. Para o seu pai. Que ela, como todos os lutadores, sabe que se se fizer justiça sairá recompensada.

O pai precisa de cuidados médicos especializados que não tem por falta de dinheiro. Precisa de medicamentos que às vezes não compra por falta de dinheiro, precisa de algum conforto para si e para ela, que não obtém por falta de dinheiro. É isso mesmo: tudo por falta de dinheiro.

E há coisas que a Ana não entende: se os médicos são unânimes em afirmar que o pai sofre de uma doença que se apanha na guerra, como podem as autoridades médicas militares dizerem que essa doença não tem relação nenhuma, nem com a guerra onde ele combateu e que trouxe para casa, nem sequer com o serviço militar? Eu bem tento explicar que se trata de um problema processual, uma coisa burocrática, que o que é preciso é delinear uma estratégia para tentar desenovelar isto tudo, mas a verdade é que também não entendo.

Ana Rute é vítima da Guerra Colonial. Um dano colateral, um dano diferido, mas uma vítima. E eu que deveria olhar mais para o

presente do que para o passado, em busca de coisas alegres, segundo a minha visitante do Facebook, fico com a impressão que ganhei o dia, porque alguém me olhou nos olhos com a coragem dos heróis e me disse: “Não sou feliz.” Não como um lamento, também não como se fosse eu a dizer que não sou alentejano. Não. Foi uma declaração de quem se conhece e sabe o que quer. De quem está em guerra e não vai baixar as armas. De quem está habituada a deixar pelo caminho os desertores e os cobardes e que olha de frente as pessoas com quem lida para saber se pode contar com elas.

Ana Rute, nós somos uma associação de combatentes, de sobreviventes, de camaradas que depois da guerra ter acabado escolhemos continuar nela, porque outros não conseguem sair dela; que conseguimos ainda assim ser felizes, pelo menos alguns de nós, e continuar combatendo.

Enquanto houver uma jovem que nos diga que não é feliz por causa da Guerra Colonial, nós também não esqueceremos esse passado de pesadelo, para ir em busca da fácil alegria do presente, e também não baixaremos as armas. Cada drama de um só de nós será um drama de todos. E a Ana Rute é um de nós.

mcbastos

Texto escrito conforme o Acordo Ortográfico

Assembleia-Geral de Delegação

A Mesa da Assembleia-Geral da Delegação de Coimbra convoca todos os associados da Delegação no pleno gozo dos seus direitos associativos, nos termos do n.º 1 do art.º 49º dos Estatutos da ADFA, para a Assembleia-Geral Ordinária de Delegação, a realizar no dia 10 de Março de 2012 (sábado), com início às 11h00, na Sede da Delegação, Avenida Fernão de Magalhães, 429 A-6º F - Coimbra.

Da ordem de trabalhos constam: 1- Apreciação e votação do “Relatório de Actividades e Contas” da Direção e “Parecer” do Conselho Fiscal relativos ao ano de 2011; 2- Informações da Direção sobre a actualidade associativa.

Convívio de Natal

Decorreu no dia 17 de Dezembro o convívio de Natal, que se realizou nas instalações da Liga dos Combatentes.

As duas salas contíguas mal puderam albergar os 230 associados que confraternizaram, como todos os anos, demonstrando o seu espírito associativo e a simpatia pelos actuais dirigentes locais e nacionais da ADFA, ali representados pelo presidente Arruda, que sentiu a amistosa recepção e os calorosos aplausos quando usou da palavra, respondendo ao discurso de agradecimento e encorajamento, mas também de desafio, que lhe foram dirigidas pelo presidente da Delegação, José Girão.

O dirigente referiu que o convívio de Natal “é o momento ideal para nos lembrarmos dos objectivos da nossa associação”, sobretudo os não alcançados, acrescentando um apelo para reforçar “os laços que nos unem e para idealizarmos as pessoas certas para os lugares certos”.

“Esta Delegação e os seus associados orgulham-se de ter colaborado sempre contigo, de ter respondido sempre às tuas solicitações e orgulham-se também de teres tido sem-



Foto Delegação Coimbra

pre para conosco uma atitude de respeito e de consideração”, disse José Girão, dirigindo-se ao presidente da DN. Em nome dos Órgãos Sociais da Delegação e dos seus associados, o presidente da Delegação deixou uma palavra de agradecimento à colaboradora, D. Laurinda, e ao associado Vítor Oliveira, “pela dedicação sempre pronta e solidária no atendimento aos nossos associados”, agradecimento “extensivo a todos os trabalhadores de todas as delegações do país”.

A Direcção da Delegação encerrou com votos de Natal Feliz e de um Bom Ano Novo.

GUERRA COLONIAL EM DESTAQUE

Conferência na Universidade de Coimbra



Foto Delegação de Coimbra

A Delegação de Coimbra da ADFA foi convidada a participar na conferência sobre a Guerra Colonial que teve lugar na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e fez-se representar pelo secretário da DD, Manuel Bastos, e pelo vogal do CFD, Fernando Santa.

Esteve presente também Manuela Cruzeiro, representando o Centro de Documentação 25 de Abril e um ex-combatente da Guiné, associado da Liga dos Combatentes.

Na sua intervenção, o secretário da Delegação de Coimbra aproveitou a oportunidade para dar conhecimento aos alunos presentes, da luta da ADFA desde a sua constituição e da dificuldade crescente para acudir às necessidades de alguns dos seus associados, e dos ex-militares que ainda são vítimas de indiferença por parte do Estado.